



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Corálima
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

A NOÇÃO DE “CAMPO DISCURSIVO” NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS: O EXEMPLO DA FANFICTION

THE CONCEPT OF “DISCURSIVE FIELDS” IN LINGUISTIC STUDIES: THE EXAMPLE OF FANFICTION

Andressa Andrade Pires¹
Sostenes Cezar de Lima²

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo apresentar a noção de campo discursivo e sua utilidade para os estudos linguísticos, sobretudo para os estudos de *fanfiction*. Inicialmente, partimos da teoria geral dos campos sociais proposta por Bourdieu (1996, 2003) para chegar à noção mais restrita de “campo discursivo”, elaborada por Maingueneau (1997, 2010). Em seguida, apresentamos alguns conceitos centrais da teoria de campos sociais, como as noções de capital e de *habitus*. Finalmente, apresentamos brevemente o campo discursivo criado em torno das práticas de escrita e leitura de *fanfiction* (histórias fictícias criadas por fãs com base em obras de referência selecionadas da indústria do entretenimento), a fim de demonstrar a utilidade da noção de campo discursivo para os estudos que investigam práticas sociais organizadas em torno de atividades de linguagem. A análise da *fanfiction* sob a ótica da teoria dos campos discursivos nos permite ampliar a compreensão das atividades sociais realizadas em torno dela. Dessa forma, é possível expandir os limites das pesquisas que vêm sendo realizadas sobre esse objeto, as quais em geral investigam somente aspectos de intertextualidade e possíveis aplicações pedagógicas da escrita ficcional de fãs.

Palavras-chave: Campo discursivo. Análise do discurso. *Fanfiction*.

Abstract:

This work aims at presenting the notion of *discursive fields* and its utility for linguistic studies, especially for discourse analysis. At first, we present the general theory of social fields proposed by Bourdieu (1996, 2003) in order to get to the most restrictive concept of “discursive field” created by Maingueneau (1997, 2010) to adapt Bourdieu’s theory to the exercise of discourse analysis. Then, we present some of the central concepts of the theory, such as those of capital and *habitus*. Finally, we briefly present the discursive field generated around the practices of fan fiction reading and writing, in order to demonstrate the application of the discursive field concept to the studies that aim at investigating social practices that are organized around language activities. In short, the analysis of fan fiction through the lens of the discursive field theory allows us to widen the comprehension of the social activities that it implies. In doing so, we can expand the limits of the studies that have been investigating such object in Brazil, which, in general, are dedicated solely to the intertextuality or to the possible pedagogical applications of fan writing.

Key words: Discursive field. Discourse analysis. *Fanfiction*.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias. Universidade Estadual de Goiás – Anápolis. E-mail: andressa.andrade@live.com.

2 Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – Anápolis. E-mail: limasostenes@gmail.com.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Clareira Cora Coratim
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Introdução

A noção de gênero discursivo inaugurada por Bakhtin (2010 [1953]) em meados do século XX foi, sem dúvida, um marco na história da Linguística. Ela abriu os olhos da jovem ciência para a dimensão social da linguagem, para além da superfície dos textos, e expandiu nossa compreensão acerca dos mecanismos através dos quais as atividades linguageiras colaboram na construção da realidade social.

Por essa razão, a Análise de Gênero tem-se fortalecido como um dos campos mais produtivos dos estudos linguísticos, e suas conquistas não podem ser ignoradas. No entanto, é necessário lembrar que todo conceito, por mais abrangente e operacional que seja, também tem seus limites. Se a noção de gênero discursivo tem o mérito de inserir a perspectiva da realidade social nos estudos das práticas de linguagem, por outro lado, a clássica tríade tema-composição-estilo, proposta por Bakhtin como fundamento do conceito de gênero, acaba por trazer limitações que impedem, ou ao menos dificultam, sua aplicação ao estudo de determinadas atividades de linguagem, que não apresentam tanta estabilidade nesses aspectos.

Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo de apresentar o conceito de *campo discursivo* proposto pelo linguista francês Dominique Maingueneau (1997, 2010) como uma possibilidade de complementação à teoria dos gêneros discursivos. Acreditamos que a utilização conjunta dos dois conceitos contribui para uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais envolvidas nas práticas linguísticas e tem o potencial de ampliar os horizontes dos estudos linguísticos, sobretudo da análise de discurso.

Iniciaremos, então, por uma contextualização das origens da noção de campo discursivo, partindo da teoria geral dos campos sociais de Pierre Bourdieu (1996, 2003). Em seguida, discorreremos a respeito das principais propriedades e categorias que compõem essa teoria, apontando os elementos essenciais para a delimitação de campos discursivos pertinentes para o exercício da análise do discurso.

Finalmente, apresentaremos brevemente um exemplo da aplicação desse conceito em uma de nossas pesquisas recentes, através da delimitação do campo discursivo da *fanfiction*. As *fanfictions* são histórias ficcionais criadas por fãs com base em obras de referência selecionadas da indústria do entretenimento (VARGAS, 2015; LUIZ, 2008). A maioria das pesquisas que trabalham com esse objeto sob uma perspectiva linguística propõem defini-lo como um gênero discursivo particular (CAVALCANTI, 2010; COSTA; REATEGUI, 2012). No entanto, encontramos alguns entraves à aplicação do conceito de gênero à *fanfiction*, desafio que só pôde ser superado quando incluímos no estudo o conceito de campo discursivo.

A teoria geral dos campos sociais e os campos discursivos

Para contextualizar a noção de campo discursivo nos estudos linguísticos, é preciso retomar uma imagem oriunda da física clássica: os campos eletromagnéticos. Se tivermos retido alguma memória dos estudos dessa temática realizados ao longo dos anos na educação básica, lembraremos que esses campos são formados por partículas eletricamente carregadas, denominadas elétrons. Os elétrons que pertencem a certo campo são determinantes no campo, pois cada um de seus movimentos altera a composição do campo como um todo. Por outro lado,



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Universidade Estadual de Goiás
Campus Cora Corálina

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

os elétrons também são determinados *pelo* campo, uma vez que, para se inserirem nele, precisam adquirir certas propriedades exigidas pelo campo (BONNAUD, 2012).

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1996, 2003) partiu dessa concepção para desenvolver sua teoria dos campos sociais, nas últimas décadas do século XX. Ele utiliza a imagem dos campos eletromagnéticos como uma metáfora para descrever as dinâmicas sociais. Nessa concepção, os elétrons da física clássica são substituídos por indivíduos, ou sujeitos sociais, de modo que cada indivíduo pode ser considerado ao mesmo tempo, determinante no campo social e determinado por ele. Em outras palavras, a teoria de Bourdieu enfatiza a dualidade do papel do agente, que é ao mesmo tempo produto e produtor da realidade social.

Temos, portanto, a visão de um grande campo social, que abarcaria a totalidade das interações sociais. Contudo, Bourdieu defende que, dentro desse universo, podem ser recortados campos menores e mais particulares, originados em torno de interesses e atividades específicas. Assim, podemos elencar como exemplos o *campo político*, o *campo literário*, o *campo acadêmico*, entre outros.

Esses exemplos podem causar a impressão de que os campos sociais são demasiado distintos entre si para serem descritos por uma mesma teoria. No entanto, Bourdieu afirma que existe um conjunto de propriedades gerais que podem ser encontradas e analisadas em todos os campos sociais e que fazem com que o propósito de se conceber uma teoria geral dos campos sociais “não seja insensato e com que, desde já, possamos servir-nos do que aprendemos sobre o funcionamento de cada campo particular para interrogarmos e interpretarmos outros campos” (BOURDIEU, 2003, p. 119). Portanto, a teoria formulada por Bourdieu pressupõe certa flexibilidade, para que ela possa ser adaptada ao uso em outras áreas do saber.

Foi partindo desse princípio que o linguista Dominique Maingueneau (1997, 2010) introduziu o conceito de *campo discursivo*, que consiste em uma adaptação da teoria dos campos de Bourdieu para o exercício da análise do discurso. Maingueneau compreende o campo discursivo como “um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência em sentido amplo” (MAINGUENEAU, 1997, p. 116), ou, em outras palavras, “como um espaço no interior do qual interagem diferentes ‘posicionamentos’, fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação” (MAINGUENEAU, 2010, p. 50).

Devido ao enfoque essencialmente discursivo, esse conceito é mais restrito que a noção ampla de campo social. Ele nos permite tomar os enunciados e as formações discursivas como centro das análises, o que torna o conceito mais operacional nos estudos linguísticos. O recorte dos campos discursivos, segundo Maingueneau (1997, p. 116-117), “deve decorrer de hipóteses explícitas e não de uma partição espontânea do universo discursivo”. É papel do analista fazer essa delimitação, esclarecendo os critérios que foram utilizados. Contudo, Maingueneau não dá indicações de quais devem ser esses critérios, limitando-se a afirmar que a AD “é obrigada a considerar múltiplos parâmetros para construir campos pertinentes” (1997, p. 117).

Diante desse problema, consideramos as propriedades gerais descritas por Bourdieu (1996, 2003) um bom ponto de partida para a delimitação de campos discursivos pertinentes, pois, como procuraremos demonstrar a seguir, elas constituem parâmetros bastante propícios ao exercício da análise do discurso.

Propriedades gerais dos campos



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Clareira Cora Coratim
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Uma noção fundamental da teoria de Bourdieu (1996, 2003) é o *capital*. O autor denomina “capital” qualquer elemento que conceda algum tipo de poder ao indivíduo em determinada comunidade. Assim, além do capital econômico, com o qual estamos habituados a trabalhar em nossas transações cotidianas, existem outros tipos de capital, ligados a outras formas de valor, como o capital simbólico e o capital cultural, entre outros. Um filósofo, por exemplo, pode não deter um grande capital econômico, mas, ao mesmo tempo, pode possuir grande poder de influência em determinada comunidade devido ao amplo capital cultural de que dispõe. Nesse sentido, Bourdieu defende que cada campo social constitui um equilíbrio de capitais próprio e coloca um conjunto de capitais específicos em jogo, de modo que cada posição ou indivíduo é determinado pela “estrutura da distribuição das espécies de capital (ou de poder) cuja posse comanda a obtenção dos lucros específicos (como o prestígio literário) postos em jogo no campo” (BOURDIEU, 1996, p. 261).

Associada a essa questão, temos uma segunda propriedade geral dos campos sociais: o estabelecimento de um *habitus* particular. O *habitus* de um campo consiste em um “sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita [das normas de funcionamento do campo]” (BOURDIEU, 2003, p. 125). Tal aprendizagem é condição básica para a entrada de um indivíduo em determinado campo. É somente ao se apropriar das regras do “jogo” (outra metáfora recorrente na obra de Bourdieu) que o sujeito se torna apto a participar plenamente dele. Desse modo, o *habitus* se manifesta na forma de “um capital de técnicas, de referências, um conjunto de ‘crenças’” (BOURDIEU, 2003, p. 120) que caracteriza os membros de determinado campo.

Essa particularidade gera o que Bourdieu denomina de “efeito de campo” (2003, p. 123), fenômeno que faz com que determinados enunciados só possam ser plenamente compreendidos no interior do campo em que foram gerados, pelos membros de seu campo discursivo de origem. Devido à existência do *habitus*, cada campo constitui uma lógica particular, regida por seu próprio sistema de valores e seu próprio conjunto de estratégias de interpretação. Por isso,

a percepção exigida pela obra produzida na lógica do campo é uma percepção *diferencial*, distintiva, comprometendo na percepção de cada obra singular o espaço das obras possíveis, logo, atenta e sensível às *variações* com relação a outras obras, contemporâneas e também passadas. O espectador desprovido dessa competência histórica está condenado à indiferença daquele que não tem os meios de estabelecer diferenças (BOURDIEU, 1996, p. 280, grifos do autor).

Nesse sentido, identificar a ocorrência do efeito de campo em determinado conjunto de enunciados é uma boa estratégia a ser utilizada pelo analista do discurso para delimitar um campo discursivo.

Outra propriedade dos campos que influencia na geração do efeito de campo é a questão do interesse. Como vimos, Bourdieu frequentemente descreve o espaço do campo como um ambiente de “jogo”. Através dessa metáfora, o autor explica que cada campo apresenta um conjunto de interesses específicos, que estão sendo continuamente negociados pelos membros do campo, e “que não são percebidos por alguém que não tenha sido construído para entrar



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Corralina
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

nesse campo” (BOURDIEU, 2003, p. 120). Assim, ao identificar um campo discursivo, cabe ao analista apontar também quais são os interesses específicos compartilhados por seus membros.

Por essa razão, Bourdieu considera os membros de um campo como dotados de uma autoridade única para definir o que pertence ou não a seu campo social, isto é, que objetos são ou não pertinentes àquele campo. O autor exemplifica essa questão a partir do campo filosófico e argumenta que

um problema filosófico (ou científico, etc.) legítimo, é um problema que os filósofos (ou os cientistas, etc.) reconhecem (no duplo sentido) como tal (porque está inscrito na lógica da história do campo e nas suas disposições historicamente constituídas para e pela pertença ao campo) e que, devido à autoridade específica que se lhes reconhece, tem todas as probabilidades de ser muito amplamente reconhecido como legítimo. (BOURDIEU, 2003, p. 124)

Finalmente, uma última propriedade fundamental dos campos discursivos diz respeito a suas convenções éticas. Bourdieu defende que nenhum campo social pode ser considerado inteiramente imune às influências dos campos econômico e político. Apesar disso, os campos constroem uma autonomia relativa em relação a esses campos, a depender da “importância do efeito de retradução ou de *refração* que sua lógica específica impõe às influências ou aos comandos externos e à transformação, ou mesmo transfiguração, por que faz passar as representações [...]” (BOURDIEU, 1996, p. 249, grifo do autor). Assim, cada campo social constitui sua própria lógica interna, formada por valores e convenções éticas específicos, que ele procura impor sobre as disposições que lhe são exteriores. Em outras palavras, podemos dizer que cada campo discursivo constrói seu próprio “tribunal” para julgar as práticas que se dão em seu interior, a partir de “seu próprio universo de sentido” (MAINGUENEAU, 1997, p. 126)

A partir dessas propriedades gerais, o analista de discurso pode delimitar os campos discursivos mais pertinentes ao estudo que pretende realizar. A seguir, apresentaremos o exemplo de uma pesquisa que vimos desenvolvendo recentemente, a fim de exemplificar a aplicação do conceito de campo discursivo na investigação de uma prática de linguagem.

A noção de campo discursivo aplicada ao estudo da *fanfiction*

Nas últimas décadas, as práticas sociais vêm sendo fortemente impactadas pela expansão do acesso à internet e às tecnologias de informação e comunicação, e as práticas linguísticas não estão imunes a esse fenômeno. Pelo contrário, muitas práticas novas vêm surgindo precisamente em função dessas novas formas e novos ambientes de socialização. É nesse contexto que se inserem as *fanfictions*, que têm sido nosso interesse de estudo nos últimos cinco anos. “A *fanfiction*”, segundo Maria Lucia Vargas, uma das maiores pesquisadoras brasileiras dedicadas ao tema,

é [...] uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática” (VARGAS,



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Coratini
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

2015, p. 21).

O “original” mencionado pela autora pode ser qualquer produto da indústria do entretenimento, como um filme, um livro, ou um jogo de videogame, por exemplo.

O número de pesquisas sobre as práticas de leitura e escrita de *fanfiction* vem crescendo nos últimos anos, mas ainda é bastante limitado, sobretudo no Brasil. Além disso, a maioria dos estudos existentes não se preocupa em caracterizar a *fanfiction* sob uma perspectiva linguística. Os que o fazem (CAVALCANTI, 2010; COSTA; REATEGUI, 2012, entre outros) costumam tomá-la como um gênero discursivo particular. Essa foi também a perspectiva que adotamos no início de nossas pesquisas sobre o tema. No entanto, nós logo nos deparamos com alguns problemas teóricos difíceis de contornar. Se adotarmos a definição clássica de *gênero discursivo* proposta por Bakhtin (2010), temos que ter em conta que os textos pertencentes a um mesmo gênero apresentam uma estabilidade relativa no que diz respeito a tema, composição e estilo. Contudo, os textos de *fanfiction* não costumam ser muito estáveis em nenhum desses aspectos. Na verdade,

em última análise, *fanfiction* ainda é um gênero³ com incontáveis subdivisões que abrangem uma lista infindável de estilos: de textos minúsculos a romances inteiros; de *fanfics* Mpreg! a clássicas histórias de amores angustiantes; de descrições gráficas de relações sexuais a profundos debates existencialistas; de narrativas cultas e progressistas a histórias que reforçam modelos reacionários tanto por seu conteúdo quanto pela forma como são contadas; de trabalhos repletos de cultura que brincam com referências intertextuais e interculturais a ficções que são propositalmente ruins. Desde que haja um público-alvo em que se sustentar, qualquer coisa pode ser escrita e qualquer coisa pode ser lida. (LACHEV, 2005, p. 89, tradução nossa⁴)

Diante dessa questão, consideramos inapropriado tomar a *fanfiction* como um gênero discursivo. Em vez disso, portanto, optamos por utilizar a noção de campo discursivo proposta por Maingueneau (1997, 2010). Assim, a *fanfiction* constituiria um campo específico, originado em torno das práticas de leitura e escrita desse tipo de texto, e dentro do qual circulariam vários gêneros discursivos, alguns compartilhados com o campo literário, como o *conto* e o *romance*, e outros, exclusivos, como o gênero *imagine*⁵.

³ Anik Lachev é um pesquisador da área de estudos literários, e não da Análise de Discurso. Nesse sentido, ele utiliza o termo “gênero” com a conotação de “gênero literário”, como ainda é empregado em certas correntes dos estudos literários, e não no sentido de “gênero discursivo”, como o estamos abordando neste trabalho.

⁴ No original: “Ultimately, fan fiction remains a genre with countless sub-sections that cover an endless array of styles, from minimal drabbles to whole novels, from Mpreg! fic to classic angsty romance stories, from graphic descriptions of sexual encounters to veritable existentialist debates, from educated and progressive narrative to stories reinforcing reactionary models in both content and storytelling, from educated works that play with intertextual and intercultural references to deliberately bad fic. As long as there is an underlying diegetic horizon to feed off, anything can be written and anything can be read” (LACHEV, 2005, p. 89).

⁵ Os *imagines* são textos de *fanfiction* curtos, geralmente construídos em poucas frases e narrados em na 2ª pessoa do singular, que apresentam situações em que os fãs devem se imaginar interagindo com personagens da obra de referência. Eles normalmente vêm acompanhados de imagens ilustrativas e são muito populares entre fãs de cantores e bandas de música pop. (MVP BRASIL, 2017, *online*).



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Coratini
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Essa opção teórica nos permitiu expandir os limites de nossa investigação. Em primeiro lugar, o conceito de *habitus* nos proporcionou a oportunidade de olharmos com mais criticidade a história e as origens das práticas de leitura e escrita de *fanfiction*, buscando compreender como e por que elas adquiriram os contornos que possuem atualmente. Mais precisamente, esse conceito nos permite focar os indivíduos, isto é, os agentes sociais que estão envolvidos nessas práticas: suas referências, seus valores, suas crenças e os conhecimentos que lhe são particulares. Em outras palavras, o conceito de campo discursivo e as categorias que lhe são pertinentes nos permitem ampliar a contextualização social das práticas discursivas realizadas no âmbito da *fanfiction*.

Além dessa questão, um dos elementos mais distintivos do campo da *fanfiction* é a lógica própria (BOURDIEU, 1996, 2003) através da qual lida com a questão da propriedade intelectual. Tecnicamente, ao utilizarem em suas histórias elementos (personagens, cenários, cenas, entre outros) provenientes das obras de referências, os fãs escritores de *fanfiction* estão infringindo leis nacionais e internacionais de direitos autorais (LUIZ, 2008). No entanto, esses fãs não se consideram criminosos ou plagiadores, uma vez que não obtêm lucro econômico com suas produções e declaram não ter a “intenção” de infringir os direitos dos proprietários das obras de referência (LUIZ, 2008; VARGAS, 2015). Essa contradição ética é superada no interior do campo da *fanfiction* através de mecanismos discursivos complexos⁶, que vimos estudando na pesquisa de mestrado que estamos desenvolvendo atualmente.

Em resumo, a adoção do conceito de campo discursivo no estudo da *fanfiction* nos oferece a possibilidade de ampliar os limites das pesquisas que até então vêm sendo realizadas acerca desse tema, as quais normalmente abordam apenas dois aspectos: ou (1) a intertextualidade que os textos de *fanfiction* estabelecem com as obras de referência (LUIZ, 2008; FÉLIX, 2008, entre outros); ou (2) as possíveis aplicações pedagógicas da *fanfiction*, através de seu uso em sala de aula (CAVALCANTI, 2010; SOUZA; SILVA; SANTOS, 2020, entre outros).

Ao tomarmos a *fanfiction* como campo discursivo, ampliamos o alcance de sua descrição, podendo abordar aspectos dela que até então ficavam restritos pela formalidade da noção de gênero. Por exemplo, a partir dessa nova perspectiva, torna-se possível estudar os gêneros discursivos próprios do campo da *fanfiction*, como o já citado *imagine*, e, por outro lado, verificar as características particulares que gêneros mais tradicionais, como o *conto* e o *romance*, assumem em seu interior.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo apresentar a noção de campo discursivo e as possibilidades de sua aplicação nos estudos linguísticos. Evidentemente, não seria possível, em um texto tão breve, abordar a teoria em sua completude, de modo que procuramos enfatizar apenas alguns de seus pontos chave. Este texto, portanto, deve ser tomado apenas como um texto introdutório, cuja principal função é despertar o interesse do leitor para que busque conhecer mais sobre a temática.

⁶ Rebecca Tushnet, embora esteja inserida no campo do Direito, apresenta alguns indicativos interessantes desses mecanismos em seu artigo *Legal Fictions: Copyright, Fan Fiction, and a New Common Law* (1997).



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Corrêa Cordeiro
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Acreditamos que o conceito de campo discursivo tem o potencial para se tornar um grande aliado nos estudos linguísticos e precisa ser mais conhecido e aplicado. Não se trata de substituir a noção de gênero, caríssima à ciência da linguagem, mas de utilizar os dois conceitos em conjunto, de modo complementar, para ampliar as possibilidades de investigação das práticas de linguagem.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BONNAUD, Pierre-Marie. **Pierre Bourdieu et le concept de champ littéraire**. Research Gate. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267390009_Pierre_Bourdieu_et_le_concept_de_champ_litteraire>. Acesso em: 27 fev. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 119-126.

CAVALCANTI, Larissa. Leitura nos gêneros digitais: abordando as *fanfics*. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, n. 3, 2010. **Anais Eletrônicos do 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem**. Disponível em: <<http://nehte.com.br/simposio/anais/simposio2010.html>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

COSTA, Patrícia da S. C.; REATEGUI, Eliseo B. Oportunidades de letramento através de mineração textual e produção de Fanfictions. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 12, n. 4, p. 835-859, 2012.

FÉLIX, Tamires C. O dialogismo no universo *fanfiction*: uma análise da criação de fã a partir do dialogismo bakhtiniano. **Revista Ao Pé da Letra**, publicação *online*, v. 10, n. 2, p. 119-133. 2008.

LACHEV, Anik. Fan fiction: a genre and its (final?) frontiers. **Get a life?: fan cultures and contemporary television**, s.l. v. 25, f.1, p. 83-94. 2005. Disponível em: <<http://cinema.usc.edu/>>. Acesso em: 02 out. 2014.

LUIZ, Lucio. *Fan fictions* de Super-heróis das HQs: Intertextualidade e Pastiche. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, n. 31, Natal. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Natal: Intercom, 2008a. Recurso *online*.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. Campo discursivo: a propósito do campo literário. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 49-62, 2010.

MVP BRASIL. **O que é um “imagine”?** Amino. 2017. Disponível em: <[SOUZA, Andrey L. de; SILVA, Maria Clara da; SANTOS, Rayane Beatriz. *A fanfic e o Spirit Fanfic*: Algumas considerações sobre relações sociais, internet e potencialidade de uso das *fanfics* como recurso pedagógico. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, v. 27, n. especial, p. 1405-1429. dez. 2020.](https://aminoapps.com/c/mvp-brasil/page/blog/o-que-e-um-imagine/o3re_Ze7iduBDDkkNa80JrPP81pzNnjlVDB#:~:text=%22Imagine%20%C3%A9%20ato%20de%20imaginar,imagem%20mental%20de%20alguma%20coisa%22.&text=Baseado%20nessas%20informa%C3%A7%C3%B5es%2C%20podemos%20dizer,de%20acontecer%20na%20vida%22real.>. Acesso em: 26 abril. 2021.</p></div><div data-bbox=)

TUSHNET, Rebecca. Legal Fictions: Copyright, Fan Fiction, and a New Common Law. **Loyola of Los Angeles Entertainment Law Review**, v. 17, n. 3, p. 651-686. 1997.

VARGAS, Maria Lucia B. **O fenômeno fanfiction**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2015.